

FAXINAIS EM IVAÍ: DE UMA ORGANIZAÇÃO CAMPONESA COMUNITÁRIA ÀS ORIGENS DA PERIFERIA.

Maria de Lurdes Rasinski Zubacz*

Resumo

Esse artigo apresenta os resultados da participação no PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), oferecido pela SEED (Secretaria do Estado da Educação) do Estado do Paraná, que oportuniza aos professores da rede pública um período de estudos e pesquisas. O projeto de pesquisa desenvolvido iniciou procurando entender o processo de construção das periferias nas áreas rurais. No entanto no decorrer das atividades caminhou para um fenômeno social típico da região centro-sul do Paraná que não resistiu aos avanços da “modernidade”. Esse fenômeno é conhecido como Sistema Faxinal e tinha como característica principal, o uso comunitário da terra. O projeto foi desenvolvido na Escola Estadual Gil Stein Ferreira – Ivaí – PR, e contou com a participação dos alunos das 8ª séries para os quais se objetivou o entendimento da realidade em que estão inseridos e a verificação de outras possibilidades de construção e projetos futuros. O trabalho resultou na identificação da comunidade com o Sistema Faxinal. As memórias estavam quase perdidas nas lembranças dos antigos moradores que foram entrevistados ou que responderam aos questionários dos alunos. Verificou-se que as periferias existentes no município estão diretamente ligadas ao término dessa forma de organização camponesa que predominou em Ivaí até a década de 1970, quando o Sistema Faxinal vai ser colocado em confronto com a modernidade agrícola que ocorre em todo o Brasil nesse período como efeito do “milagre econômico”.

FAXINAIS IN IVAÍ: AN ORGANIZATION TO THE ROOTS OF COMMUNITY CAMPONESA PERIPHERY.

Maria de Lurdes Rasinski Zubacz

Abstract

This article presents the outcome of stake in PDE (Program for Educational Development), offered by SEED (Secretary of State for Education) of the State of Parana, which nurture teachers from the public a period of study and research. The research project developed started looking understand the process of construction of neighborhoods in rural areas. However during the activities walked to a social phenomenon typical of the central-southern Parana than resisted the advances of "modernity". This phenomenon is known as System Faxinal and had as main feature, the use of community land. The project was developed at the State School Gil Stein Ferreira - Ivaí - PR, and had the participation of students of 8th

*Professora da Escola Estadual Gil Stein Ferreira- Ivaí – PR. Este trabalho contou com a orientação da Professora Ângela Ribeiro Ferreira, do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

grades for which it aimed to understanding the reality around them and checking other possibilities for construction and future projects. The work resulted in the identification of Faxinal community with the system. The memories were almost lost in memories of former residents who were interviewed or who responded to questionnaires from students. It appeared that the existing neighborhoods in the city are directly linked to ending this form of peasant organization that predominated in Ivaí until the 1970s, when the system Faxinal will be placed in confrontation with the modern agriculture that occurs throughout Brazil during this period the effect of the "economic miracle".

Palavras-chave: História Oral, Ensino de História, Pobreza Rural, Sistema Faxinal, Modernidade.

Introdução

Foi preciso sair, olhar de fora sob um novo ângulo para perceber, na concretude da escola, o papel da Disciplina de História e como ela pode atuar de forma positiva na construção do aluno enquanto ser humano transformador da sociedade. Sair da escola para um período de estudos e pesquisa foi a oportunidade aberta com o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) oferecido pela SEED do Estado do Paraná em parceria com a SETI (Secretaria de Assuntos Tecnológicos) e faz parte de uma iniciativa do Governo do Estado do Paraná de recuperar a estagnação em que se encontrava a educação não só do Paraná, mas em todo o Brasil, principalmente depois da política neoliberal da década de 1990.

Este texto procura, portanto, fazer algumas reflexões sobre esse processo de formação iniciado com o PDE, que para além da própria formação, pensa principalmente o desenvolvimento dos alunos enquanto agentes históricos. O programa iniciou com a elaboração de um Plano de Trabalho onde constaram todas as atividades a serem cumpridas tanto no coletivo do grupo de professores como individualmente. Principalmente nas atividades individuais teve-se ocasião para pensar a nossa própria prática na escola de atuação e na comunidade em seu entorno e de como nós professores podemos agir de forma mais eficiente no cumprimento de nossa tarefa.

Outra frente que se abriu para discussões foi o GTR, (Grupo de Trabalho em Rede), desenvolvido através da plataforma MOODLE, e teve como objetivo a integração dos professores PDE com os demais professores da rede pública. Para tanto ocorreram treinamentos oferecidos pela SEED para os professores PDE. Nessa atividade foram organizados turmas com professores da rede, onde os professores PDE foram os tutores e repassaram aos componentes de seu grupo, todas as atividades desenvolvidas durante o programa.

A temática inicial observada para a pesquisa foi à crescente construção da pobreza nas áreas rurais da cidade de Ivaí e como isso interfere na ação dos sujeitos, considerando que parte de nossos alunos pertence a essa categoria social e agem sem perspectivas de um projeto futuro, não valorizando o trabalho do campo visto como atraso em comparação à cidade.

Os fundamentos da pesquisa apóiam-se na Nova História e na História Oral, visto que aborda objetos até então não revelados pela História Tradicional, ou seja, um povo simples de um meio rural.

Para a coleta de dados sobre a construção das periferias foram realizadas entrevistas com moradores antigos da cidade e a aplicação, pelos alunos, de um questionário para ser respondido por seus familiares. As entrevistas, juntamente com a análise dos questionários revelaram um fato novo para a pesquisa, ou seja, o Sistema Faxinal que predominou em Ivaí até a década de 1970 aproximadamente e que entrou em choque com os interesses da modernidade. A partir dessa constatação o Sistema Faxinal passou a ser o objeto central desse estudo, quando se percebeu que nas origens das periferias em Ivaí estava uma forma de organização camponesa comunitária perdendo-se nas lembranças dos antigos moradores dos Faxinais.

Essa organização camponesa é descrita no trabalho, através dos depoimentos de ex-moradores dos faxinais, e da análise dos dados dos questionários respondidos pelos familiares dos alunos que confirmam o aumento das áreas de periferia e da população urbana a partir da década de 1970.

Com os resultados obtidos na pesquisa, foi produzido um material didático pedagógico, onde a opção foi por um “Folhas”¹, que é um material destinado ao trabalho com alunos. Também era previsto no Plano de Trabalho uma Proposta de Implementação na escola, a partir do retorno à sala de aula, quando os alunos depois de trabalharem com o material elaborado poderiam continuar as pesquisas sobre os faxinais, buscando objetos que não foram revelados pelo material didático. O resultado dessa pesquisa dos alunos foi editado em um blog na internet, criado especificamente para este fim e concluindo as atividades foi promovida na escola uma exposição com as informações obtidas.

Onde surgiu o projeto

A LDB em seu Art.: 67º, inciso II prevê o aperfeiçoamento profissional continuado para todos os professores em sua área de formação e atuação. O que ocorreu, principalmente na década de 1990 foi que os professores da rede pública de ensino paranaense participavam de cursos de aperfeiçoamento muitas vezes apenas dependendo do número de horas oferecidas e necessárias para a pontuação e ascensão na carreira, sem o compromisso com a educação e o ensino da disciplina. Não havia espaço para pensar a educação e sim reproduzir as necessidades de mercado do Estado Neoliberal. Grande parte dos professores digeria esses cursos, mas na escola nada mudava. Outros educadores cientes do seu papel sofriam em ter que andar na contramão do sistema. Pode-se dizer que ocorreu nesse período uma estagnação da educação em todo o Brasil. Formou-se uma juventude sem projetos de futuro, querendo viver bem o hoje, justificando a competitividade e não a solidariedade. Viram-se os resultados dessa política nos dados estatísticos da prova Brasil a partir de 1995.

O PDE oportuniza aos professores da Rede Pública Estadual um período de estudos e pesquisas apoiado nas Instituições de Ensino

¹ “Folhas” é a produção colaborativa elaborada pelos profissionais da educação, de textos de conteúdos pedagógicos que constituirão material didático para os alunos e apoio ao trabalho docente. (SEED/PR, 2005).

Superior Públicas do Estado do Paraná proporcionando espaço e tempo para que se avaliasse a necessidade específica de cada escola ou de cada comunidade de atuação do professor participante do programa. Se o neoliberalismo viu a educação como “prazer”, entende-se agora que educar é mudar comportamentos e que as mudanças às vezes provocam dor. Não se teve a pretensão de voltar à escola para resolver todos os problemas, mas conscientes de que podemos intervir mostrando as possibilidades de que, como sujeitos do processo, pode-se construir.

Nesse sentido a disciplina de História atuava na maioria das escolas como mera repetidora de saberes elaborados e reproduzidos em livros didáticos. A preocupação com o aluno, a formação de sujeitos ativos e transformadores, via-se apenas nos primeiros dias de aula de cada ano letivo, período em que normalmente trabalha-se o conceito de História e historiografia. Porém, fazer o aluno sentir-se o próprio sujeito e mais, fazer o aluno participar da construção do conhecimento histórico foi à oportunidade aberta com a participação no PDE, que proporcionou a volta aos bancos da Universidade, o contato com professores que nos fizeram parar e refletir sobre a própria prática, os fundamentos e os novos direcionamentos da disciplina de História. Também nos encontros de orientação onde se verificou a importância do contato direto professor-aluno, propiciando um diálogo aberto, esclarecedor e orientador para a elaboração do Plano de trabalho a ser desenvolvido pelos participantes do programa.

Problema a ser investigado

Um elemento que contribuiu para a formulação do problema da pesquisa foi à constatação de que Ivaí, que é uma pequena cidade do interior paranaense, 90% (IBGE, 2000) da população sobrevive de atividades econômicas ligadas ao meio rural, sendo pequenas propriedades distribuídas em inúmeras vilas ao redor de uma sede urbana onde estão localizados mercados, bancos, hospital, prefeitura, escolas e outros serviços. O que preocupa é ser comum ouvir os termos "periferias" ou "favelas" direcionados aos centros urbanos, pelo fato concreto da

construção das grandes periferias urbanas decorrentes de fatores históricos e principalmente a partir das décadas de 1950 e 1960 em todo o Brasil, com o aumento do êxodo rural.

O que motivou essa pesquisa foi à percepção de que nem todos os que deixaram suas terras no campo, independente do motivo, deslocaram-se para os centros urbanos. Muitos permaneceram no próprio campo ao redor de propriedades alheias, vivendo de trabalhos esporádicos e nos últimos anos participando das políticas assistenciais do governo, ou de ajudas da própria comunidade.

Uma parte de nosso público escolar são crianças que descendem desta situação, participam dos programas assistenciais e vivem numa situação de pobreza sem perceberem as possibilidades dignas de mudanças. Vêm com descaso a educação e os valores comunitários. Isso retrata o desmazelo da comunidade, um comodismo alimentado pelo próprio meio, pelos diversos canais de comunicação que insistem em dizer que "vai tudo acabar mesmo", "que não tem jeito", "que não dá nada".

Sentiu-se a partir desta constatação a necessidade de um trabalho efetivo e insistente onde o aluno conheça concretamente sua realidade, como ela foi construída, como ela está sendo vivenciada e principalmente perceba as possibilidades de modificações através da educação considerando-se que toda construção pode ser demolida e reconstruída. Pensamos que conhecendo concretamente a construção de sua realidade poderemos intervir proporcionando condições para o exercício da cidadania e "produzindo espaços para suas escolhas e projetos de futuro". (DCE/SEED, 2006).

Trabalho de Campo com os alunos e entrevistas

Para a investigação do problema proposto teve-se que partir para um trabalho de campo através de entrevistas e questionários que foram respondidos pelas famílias dos alunos. Estas atividades tiveram início no segundo período do programa, quando os alunos passaram a aplicar o questionário junto às famílias. Iniciaram ainda, as entrevistas com pessoas

mais antigas que pudessem contar sobre a formação das áreas de periferia hoje existentes no município.

No questionário que foi respondido pelos familiares dos alunos foram abordadas questões sobre os motivos que levaram as famílias a deixar a área rural, sobre as diferenças entre as situações vivenciadas na área rural e nas periferias, sobre as dificuldades enfrentadas em ambas as situações, sobre a importância do diálogo na família como forma de se valorizar a caminhada histórica da família e sobre as perspectivas que eles possuem em relação à educação escolar.

Para as entrevistas foram escolhidas, pelo critério da idade, cinco pessoas da cidade, que relataram suas experiências. Sabe-se, porém que as experiências do indivíduo não são isoladas, elas estão inseridas num contexto familiar e social em uma comunidade, portanto toda memória é uma representação seletiva do passado. (ROUSSO, 2000 pág.94) Os resultados observados nas primeiras entrevistas e também nos questionários respondidos pelos familiares dos alunos, revelaram um “fato novo” para o qual direcionou-se a pesquisa. No município de Ivaí, assim como em grande parte dos municípios vizinhos, que compõem o território Centro-Sul, reconhecido assim pelo MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) desenvolveu-se até a década de 1970, um modelo de organização social típica dessa região, ou seja, o Sistema Faxinal que tinha como característica principal o uso comunitário da terra, e que não resistiu aos interesses econômicos e políticos da “modernidade”.

No entanto, esse chamado “fato novo”, não é tão novo assim, simplesmente não é amplamente conhecido, quase não encontramos relatos sobre essa forma de organização social. Apenas recentemente alguns historiadores das universidades do Paraná começaram a explorar essa temática. Nos questionários que foram respondidos por pessoas mais jovens não houve referência aos Faxinais, já nas entrevistas realizadas com pessoas mais velhas, foi unânime nos depoimentos a relação entre o crescimento das áreas de periferia na cidade com o fim do Sistema Faxinal.

As entrevistas revelaram que Ivaí, assim como outros municípios vizinhos, teve a sua sociedade organizada pelo Sistema Faxinal, observando que o que existiu em comum nesses municípios foi à presença da mata de araucária e erva-mate nativa e que esse Sistema não resistiu aos interesses da modernidade agrícola, provocando um esvaziamento do campo e uma maior concentração da terra.

Fundamentos da Pesquisa

Na história do Paraná, nos livros de algumas décadas atrás vamos nos deparar com a mesma História de todo o Brasil, ou seja, uma história essencialmente política, que narrava os acontecimentos oferecendo uma visão de cima, obras dos grandes homens, estadistas, que deveria ser baseada em documentos e apresentar aos leitores os fatos “como eles realmente aconteceram”. Vê-se o Paraná dividido em três regiões: O Paraná Tradicional, o Norte Pioneiro e o Sudoeste. Cada uma dessas regiões com os seus ocupantes que tiveram um significativo grau de importância para o “enriquecimento” do Estado. O Paraná Tradicional com as grandes fazendas de invernada que deram origem a várias cidades no caminho das tropas. O norte pioneiro, com a produção do café, e o sudoeste com a vinda de migrantes gaúchos que introduziram o plantio da soja. Fatores econômicos que contribuíram para a formação de uma elite tradicional no Paraná. E os outros lugares? Onde vivia a população que não era ligada a essas atividades de “elite”?

Principalmente por essa questão, se fez a opção pela Nova História, que nos últimos 30 anos emergiu como uma reação contrária à história tradicional. Os novos historiadores preocupam-se com toda a atividade humana sem distinguir o que é central e o que é periférico, como faziam os historiadores tradicionais. A análise de uma variedade de atividades humanas exige examinar maior variedade de evidências; novos objetos requerem novas fontes e uma ação interdisciplinar. O movimento da história-vista-de-baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre seu

próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais. (BURKE, 1992, pág.16).

Essa abordagem teórica fundamenta a pesquisa, visto que vem de encontro com os propósitos da história-vista-de-baixo, por abordar objetos até então esquecidos pela história tradicional, ou seja, o povo simples de um meio rural, que esteve sem voz e nem vez. A maior parte daqueles que escrevem a história vista de baixo aceitariam, em sentido amplo, a opinião de que um dos resultados de terem seguido essa abordagem tem sido demonstrar que, os membros das classes inferiores foram agentes, cujas ações afetaram o mundo em que eles viviam (SHARPE, 1992, pág.59 e 60).

Sabe-se que um dos problemas que atinge a sociedade atual é a desestruturação da chamada “família tradicional”, o que promove um afastamento maior entre os membros das novas formações sociais. Principalmente entre as famílias mais pobres, a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado (BOSSI, 1994). Daí o medo de que a memória seja de toda apagada, por falta de quem a conte, a escute e principalmente a escreva. O maior perigo da história é o esquecimento. Segundo Hobsbawn (apud BITTENCOURT, 2005, p.45) “quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”.

Dada esta constatação a opção foi por trabalhar com a História Oral, e também porque, num primeiro momento, não se viu as possibilidades de encontrar outras fontes. A história oral é relativamente recente no Brasil, as primeiras iniciativas surgiram na década de 1970 com o “Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas” (ALEGRO 2007, p.20). Com a História Oral passam a ter voz os excluídos da história oficial. É necessário, no entanto, estar atento para o risco de valorização da entrevista como verdade histórica sem atribuição de sentido.

A Nova História considera maior variedade de atividades humanas e, portanto os historiadores devem examinar maior variedade de evidências, algumas visuais, outras orais em contraposição a história tradicional onde

a história deveria ser baseada em documentos. A partir do momento em que os novos historiadores passaram a escolher novos objetos de pesquisa, foi preciso buscar outras fontes que complementaríamos os documentos oficiais, como por exemplo, a fonte oral, as imagens, os artefatos, as estatísticas. Para grande parte dos historiadores profissionais a fonte oral é vista como secundária e frágil considerando-se inclusive que a história baseada exclusivamente em fontes não-documentais, pode ser uma história com menos precisão do que a extraída de documentos. Mas, para os historiadores que utilizam a fonte oral ocorre uma irritação em relação ao que chamam de uma geração mais velha de historiadores que depreciam os jovens que percorrem as ruas com seus gravadores.

“...para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão de figurantes mudos que enchem o panorama da História e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a História.”(DCE/SEED,2006).

O testemunho oral é potencialmente complexo, devendo o historiador reconhecer a distinção entre a fala importante e a fala banal. Discute-se neste sentido a influência do historiador entrevistador sobre o depoimento da testemunha. “Mas é apenas razoável admitir que a crítica das testemunhas orais ainda não atingiu a sofisticação da crítica dos documentos, que os historiadores têm praticado durante séculos”. (BURKE, 1992, p.26)

Podemos dizer que as fontes orais estão sujeitas a problemas, tais quais aqueles que afetam as fontes documentais escritas, tal seja pela má utilização das fontes e a competência metodológica do historiador.

“Alguns historiadores acham que seu ofício é descrever e, talvez explicar por que as coisas ocorreram no passado... É para essas partes vitais da tarefa do historiador que a história oral – tradição e reminiscência, passado e presente – com seu detalhe, sua humanidade, freqüentemente sua emoção e sempre seu muito desenvolvido ceticismo em relação a todo empreendimento historiográfico – é principalmente dirigida. Sem acesso a tais recursos, os historiadores das sociedades modernas, maciçamente alfabetizadas e industriais, ou seja, a maior parte dos historiadores profissionais, vão consumir-se em um poço de compreensão circunscrito por sua própria cultura, como amantes abandonados colocados sob o círculo de luz tremulante de um

poste isolado em uma rua escura e varrida pelo vento”.(PRINS, Apud BURKE, 1992, p.198)

A intenção ao se trabalhar com história oral foi despertar no aluno o interesse pela sua própria história, bem como o diálogo na família, que eles percebam-se como sujeitos ativos do processo histórico. Pretendeu-se provocá-los para a percepção de que a realidade vivenciada tem nos sujeitos os seus construtores e como sujeitos somos determinantes das permanências ou das mudanças.

Os novos rumos da pesquisa: Sistema Faxinal

O trabalho das entrevistas e também os questionários aplicados pelos alunos revelaram um componente da história ivaiense que estava quase esquecido, perdendo-se nas lembranças dos entrevistados, ou seja, a forma de organização social que era praticada em Ivaí e nos municípios vizinhos, o Sistema Faxinal. A partir dessa constatação a pesquisa ganhou um novo direcionamento, pois era preciso antes entender os Faxinais e a sua estrutura para então identificar se tinha relação com o surgimento das periferias.

O estudo da bibliografia sobre o tema possibilitou a comparação com as informações das entrevistas e dos questionários de onde se pôde entender o Sistema Faxinal como uma forma de organização camponesa típica da região centro-sul do Paraná, sendo um sistema orgânico diferente do que se viu no restante do Paraná e mesmo no Brasil. A característica fundamental desse Sistema era a união da população em torno de uma área comum para a “criação de animais domésticos, tanto para o trabalho, quanto para o consumo próprio, na técnica ‘à solta’ em criadouros comuns, destacando-se os eqüinos, suínos, caprinos e aves domésticas. (CHANG, 1985). A criação de suínos, e o manejo da erva-mate eram as bases econômicas dessas comunidades”, tanto que o raciocínio que leva ao entendimento das origens dessa organização social está na

lógica do cercamento das áreas que apresentavam a erva mate, cuja poda anual era um dos recursos financeiros dos faxinais. No mesmo espaço dos ervais era possível a criação de animais à solta, uma vez que não estragavam a erva e alimentavam-se quase que somente dos frutos da mata, em especial o pinhão, diminuindo os custos da criação, conforme o depoimento do Sr. Altair Lopes ex-morador de um Faxinal "... chegava o tempo de pinhão, aquelas porquinha iam pro mato e vinha porco com 60, 70 quilo do pinhão, não precisava engorda, você criava lá sorte".²

Nesse sistema havia uma relação relativamente harmoniosa entre o homem e a natureza, pois a produção da erva-mate não requer o corte das árvores. Da mata dos pinhais era utilizada a madeira para a construção das casas e das cercas. As cercas eram um dos sustentáculos dos faxinais, pois se o gado era criado solto, era preciso impedir que ele invadisse as áreas de plantação ou de cultura como foram chamadas nos faxinais. As cercas eram construídas coletivamente, sendo que as formas de participação eram conforme o tamanho da propriedade não havendo nenhuma lei rigorosa quanto a isso, tanto que os agregados que não possuíam terras, entravam apenas com a mão-de-obra. A cerca separava o Faxinal em duas partes: a área de cultura e o criadouro comum. Separar as áreas de pastagem e as áreas de cultivo era uma das alternativas para economizar recursos materiais e humanos e também para o aproveitamento das águas disponíveis no Faxinal. Talvez essa situação somada ao aproveitamento das áreas de erva mate, levou ao uso comunal da terra conforme nos relatou em entrevista o senhor Ilário Zubacz.

"... era tudo cercado para a criação do porco e então era tudo junto, não tinha separação, o terreno cada um tinha um pouco mais era tudo junto, era comunitário. Assim quando chegava fevereiro, março que era chamado época de folga que colhia os feijão e não tinha milho pra quebrá era uma vez por ano, não era igual agora plantam direto... daí roçavam faxiná e arrumavam a cerca. Daí eles se reuniam, tal dia vamos reformá a cerca. Todos os proprietário e os que parava em cima da terra, os agregado, todos iam ajudá, chamavam retóca, retocá a cerca, reforma. E essa cerca era de madeira toda fechada, era de madeira de rachão, era fechada até um metro de altura com rachão lascado de pinheiro...dava uns 4X4, 3X4, até na altura de um metro mais ou menos

² Todas as entrevistas foram mantidas com a linguagem original.

era feito aquele rachão que era trançado um por cima um encavalado no outro, pra cima de um metro era mais três fio de arame pra os cavalo e vaca não pula, e nem cabrito..”

Ilustração I – Modelo de cerca que separava o criadouro comunitário das áreas de cultura no Faxinal.



Fonte: ilustração feita pelo aluno Eric Silvio Streiechen – 8ª série –
Escola Estadual Gil Stein Ferreira – Ivaí PR/2007.

Nas áreas de cultura as principais plantações eram de milho e feijão, porém não em grandes quantidades, apenas para o consumo próprio e na comunidade. Os principais produtos comercializados eram a erva-mate e o porco. O trabalho nas roças era manual e não havia utilização de produtos químicos. Os agregados costumavam receber de seus patrões um pedaço de terreno onde ele pudesse fazer também a sua roça, em troca teria sempre mão-de-obra disponível para os trabalhos que necessitasse. Cada proprietário de terra tinha seus agregados, não significando que eles trabalhassem exclusivamente para o dono da terra onde moravam. Os agregados não eram proprietários de terras, mas moravam e usufruíam a terra nos Faxinais, podendo criar animais, inclusive o porco e ter uma pequena roça de subsistência. Como podemos ver o uso coletivo da terra beneficiava a todos.

Mesmo não sendo grande a área plantada para a subsistência, esta exigia muita mão-de-obra, principalmente nas épocas de carpida. As roças de milho ou feijão podiam ser perdidas no mato se não fosse feita a

limpeza com a enxada. Nesses momentos aflora um dos costumes mais tradicionais e talvez dos mais fascinantes das comunidades reunidas nos faxinais: o puxirão, ou mutirão conforme nos descreveram o senhor Altair Lopes e o senhor Ivo Conrado:

“... Então a vizinhança diz: ói hoje tem puxirão, por exemplo, lá na casa do Artair, então quando era de manhã cedo, quando começava a clarear o dia começava aparece os carpidô, mas só eles tinha que dá comida, já dava café para eles, argum já ia pra posa até. Dava café preles cedo, daí ia pro eito trabaiá até meio dia, carpia até meio dia, depois do meio dia outra veis carpia até de tarde, de tarde tinha o baile. Mais uns dia antes tinha que se reuni 2 ou 3 prá mata um porco ne daí notro dia tinha paçoca pra come com café ou com leite, daí o armoço era come arroz, feijão, farinha de mio, carne de porco a vontade...agora não dava pra farta também uma pinguinha...e de tarde era um baile veio de amanhece(esposa: a gente tem saudade daquele tempo, era tão unido, tão bunito ..”

...muita gente que tinha uma roça pra carpi, ele convidava a vizinhança tudo... daí a noite eles faziam baile, é assim eles faziam um baile tipo assim eles faziam um baile, assim pra dize muito obrigado pro povo por aquele dia de trabalho, que aquele dia não era cobrado, tudo mundo ia ajuda sem cobrá nada....eu acho que nem o gaitero não cobrava nada”

O criadouro comum era uma extensa área onde se construíam as casas dos proprietários dos terrenos e também dos agregados em meio à mata de araucária e aos ervais nativos da região. Aí todos os animais domesticados eram criados soltos, sendo que cada morador conhecia quais eram os seus animais de criação.

“... você costumava de tarde saí ali e tchu, tchu, tchu... a porcada vinha tudo de tarde, você jogava ali um pouquinho de milho com palha com tudo pro porco comê, então eles saíam, mas na hora de posá eles vinham posá em roda da casa, dava raçãozinha pra eles cedo e de tarde, quando era essas hora em diante ela já começavam a chega, aquelas porcada roncando...” (Entrevista com o Sr Altair Lopes – Ivaí Pr.)

O principal animal de criação era o porco que fornecia carne e banha e, também era a mercadoria que juntamente com a erva-mate davam sustento aos Faxinais. A carne de porco era conservada em banha durante meses, chamada “carne de lata” normalmente era colocada em uma lata com banha do próprio animal abatido permanecendo em perfeito estado para o consumo. Alguns lugares do interior ainda preservam esse

costume. A criação do porco dentro do criadouro dava-se num processo muito simples, soltos no criadouro o animal alimentava-se principalmente daquilo que a natureza oferecia, como as frutas silvestres (jarivá, graviola, cereja, pinhão...), as raízes e as minhocas, também colaboravam com a limpeza dos faxinais já que pastavam toda a gramínea rasteira eliminando o trabalho das roçadas nos faxinais. A venda do porco era realizada principalmente em Ponta Grossa e até aproximadamente a década de 1950, era tocado por caminhos já demarcados pelos tropeiros até os locais de comércio. A viagem costumava demorar uma semana, e o dinheiro da venda do porco era investido em produtos que não existiam nos faxinais, como sal, açúcar, tecidos, ferramentas, etc.

No espaço do criadouro comum, normalmente existia também, um campo de futebol onde, aos domingos a comunidade se reunia. Em vários Faxinais havia escolas que ofertavam as séries iniciais para as crianças, essas escolas eram chamadas de escolas isoladas.

Ilustração II: Vista de uma Faxinal



Fonte: ilustração feita pelo aluno Eric Silvio Streiechen –8ª série
Escola Estadual Gil Stein Ferreira – Ivaí-Pr/2007

Esse Sistema Faxinal permaneceu na maior parte da região centro-sul do Paraná, adaptando-se lentamente a modernização (por exemplo, os porcos e a erva-mate passaram a ser transportados por caminhões), quando o Sistema entrou em choque com os interesses da própria modernização agrícola ocorrida no Estado e no País a partir da década de 1970, como efeito do “milagre econômico”.

No caso do Paraná e mais especificamente da Região Centro-Sul, o que ocorreu foi um grande interesse capitalista no plantio da soja, que necessitava de imensas áreas de terra desmatada, e a infiltração dos equipamentos e insumos químicos utilizados pelas multinacionais do ramo. Neste mesmo período chega à região um número expressivo de migrantes gaúchos, atraídos pelo baixo preço da terra, com o intuito de plantar soja.

Isso provocou um efeito catastrófico sobre o Sistema Faxinal. A institucionalização desse efeito se deu com a exigência do cumprimento de uma lei de 1916, do Código Civil Brasileiro, a “Lei Federal dos Quatro Fios de Arame”, que estabelece que desde que o proprietário tenha suas terras cercadas com quatro fios de arame, o animal que as invadir poderá ser apreendido.

Nos municípios paranaenses onde ocorria o Sistema Faxinal havia um conjunto de leis que davam um respaldo jurídico aos faxinais de acordo com os costumes locais, em Ivaí o espaço rural estava organizado dividindo-se a área de cultura da área de criação, conforme a lei nº40 do livro de “leis do município”, porém, como as leis federais prevalecem sobre as municipais, a partir do momento que esse dispositivo federal passou a ser acionado efetivamente na região (década de 70), o sistema começou a ser questionado juridicamente (CUNHA, 2003). Conforme é apontado nos depoimentos de antigos moradores dos faxinais:

... “eles não diziam qualera o motivo, um que me participô uma vez foi o filho do... é essa lei é muito boa, porque o senhor vê, o senhor tem seu terreno, tudo mundo tem criação em cima e não sei porque....Eles defendiam a lei mas não explicavam o motivo daquilo estar existindo...”(Entrevista com o Sr. Atílio Galvão – Ivaí PR)

... “Bom aqui teve uma coisa ruim que eu me lembro foi a ‘Lei Federal’... então os pequeno que não tinham terra foram o motivo de diminuir o luga, foram embora pra cidade... isso diminuiu o povo aqui talvez muitos desses que estão na favela...”(Entrevista com o Sr Atílio Galvão – Ivaí Pr.)

... “muitos trabaiaava que diz o causo, de agregado né, então não tinha onde í no caso... então iam pedindo pra prefeitura e a prefeitura mandava marca seu terreninho. Trabaiaavam como agregado em quase tudo os lugar aqui ao redor. Num tinham um terreno, precisavam um lugar pra se ficá apossado..... e daí foram arrumando aquiagora o cara mora em vila, prá começá não tem como criá uma galinha, não tem como fazê uma planta, conforme o jeito se facilitá não dá prá deixar uma casa sozinha...”(Entrevista com o Sr. Neri Palhano – Ivaí Pr.)

... “Acabô co lugar. Acabô com tudo aí, foi o que acabô com o lugar aqui foi a Lei Federal... arrancaram tudo as cerca e foram plantando tudo aberto, arrancaram aquelas cerca que tinha e os que entravam eles prendiam tudo, prendiam e matavam. Daí veio a judiação, daí aquele povo pobrezinho foram pro pau, quem teve condição de fechá um lugar prá criá ficô... Essa Lei Federal acabou com o nosso lugar aqui, quem ficô com um pouquinho ficô, mais a maior parte foi para a cidade e é isso que tá criando as favela, é resurtado disso é que tá as favela nas cidade. ...”(Entrevista com o Sr. Altair Lopes – Ivaí PR)

... “Tinha os que não tinha terra, mas eram agregados dos que tinham terra, por isso é que hoje loto as favela, engrosso as favela, as periferia das cidade...” (Entrevista com o Sr. Ivo Conrado – Ivaí PR).

Outros fatores que também contribuíram para acabar com o Sistema Faxinal, foram à instalação de madeireiras, e a retração do mercado da erva. A ação das madeireiras já vinha tirando a principal fonte natural de alimentação dos porcos, que era o pinhão, além do que a

derrubada das árvores provocava estragos nos ervais. Foi preciso aumentar as áreas de plantação de milho para completar a alimentação dos porcos e aumentar as áreas de plantio de feijão para recuperar as perdas com a erva, com isso o Sistema já dava sinais de sua queda.

A partir da década de 1970 a política agrícola passou a ser orientada para a utilização de máquinas e fertilizantes, de acordo com os interesses industriais. O financiamento agrícola tornou-se o principal mecanismo de mudança tecnológica, distribuindo subsídios e subordinando a agricultura através do crédito rural. (CHANG, 1988).

A expansão e modernização da agricultura trouxeram impactos sociais e ambientais nas áreas ocupadas pelos Faxinais. A introdução de equipamentos agrícolas modernos, a instalação de uma nova cultura, no caso a soja, excluiu pequenos proprietários, e as populações rurais sem propriedade da terra passaram a buscar alternativas nas cidades. Verifica-se pelos depoimentos acima a prática do uso do Direito a serviço do capital. A implantação de culturas comerciais na região centro-sul do Paraná concentrou a posse da terra, aumentou o tamanho das propriedades provocando um esvaziamento humano das áreas rurais.

O crescimento da população urbana em Ivaí, nas últimas décadas pode ser observado a partir dos gráficos abaixo que foram construídos a partir do resultado do questionário elaborado para essa pesquisa e que foi aplicado pelos alunos aos seus familiares cuja procedência é o meio rural.

Gráfico 1
(Tempo de Moradia)

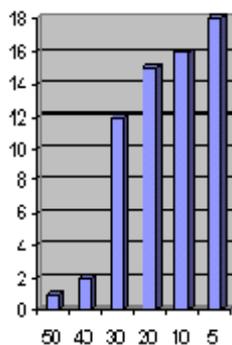
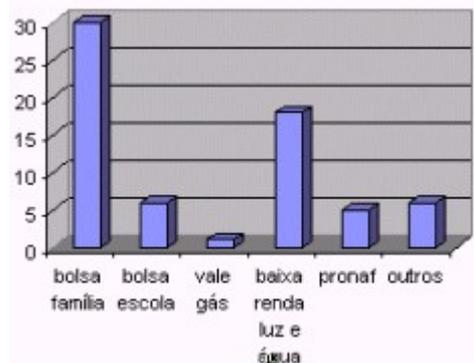


Gráfico 2
(Programas Assistenciais)



Fonte: pesquisa realizada pelos alunos da Escola Estadual Gil Stein Ferreira/2007.

O gráfico 1 demonstra o crescimento da população urbana nas últimas cinco décadas, já o gráfico 2 demonstra a participação dessas famílias nos programas assistenciais do governo. Entende-se com esses resultados que houve um aumento na população urbana, mas sem um aumento da qualidade de vida, já que precisam participar dos programas assistenciais. Outro dado da pesquisa revelou que a maior parte das famílias que deixaram a área rural não eram proprietários, ou seja, eram agregados que em virtude do fim do Sistema Faxinal não tiveram outra opção, que não virem para a cidade onde dão início a construção de uma periferia na sede do município, e outras menores que permaneceram ao redor de propriedades nas áreas rurais.

A modernização da agricultura gerou impacto social e ambiental nas áreas ocupado pelo plantio da soja, colocando em risco a sustentabilidade das relações sócio-ambientais. A expansão da cultura da soja se deu em meio à política industrial de modernização do país na década de 1970. Porém a “revolução tecnológica” promovida pela soja, só foi reconhecida por aqueles que tinham acesso financeiro para desenvolver tal cultura, era uma atividade de grandes produtores, excluindo a grande maioria dos camponeses do sul do país, que se tornaram assalariados mesmo no campo ou buscaram alternativas nas cidades. O aumento da urbanização trouxe consigo: desemprego, subemprego e miséria, sendo que estes mesmos problemas passam a ser vivenciados por aqueles que permaneceram no campo, sem terra e sobrevivendo de trabalhos esporádicos e mais recentemente das políticas assistenciais do governo.

Os danos causados ao ambiente dos cerrados também são grandes: compactação dos solos pelo uso de máquinas agrícolas, erosão, contaminação por agrotóxicos das águas, alimentos e animais. A retirada da vegetação nativa coloca em risco a sobrevivência de espécies animais e vegetais com a degradação do habitat natural.

Material Didático

A partir dos resultados obtidos com essa pesquisa deu-se início a outro item do Plano de Trabalho do PDE, a elaboração de um material didático pedagógico, a opção foi pela elaboração de um “Folhas”, que é um material destinado aos alunos e que poderia ser repassado aos professores da rede participantes do GTR. No material elaborado procurou retratar todo o resultado obtido nas etapas anteriores da pesquisa. O título escolhido para o material foi: “A modernidade e a reconfiguração do espaço rural na região centro-sul do Paraná”. Este propõe uma reflexão sobre a construção do conhecimento histórico e como ele é produzido utilizando-se fontes orais além do referencial sobre o tema.

O título sugere uma discussão sobre os impactos da modernidade sobre as áreas rurais da região centro-sul do Paraná, que é descrito no material a partir de depoimentos de ex-moradores e questionários aplicados. Porém, antes do texto sobre o Sistema Faxinal abre-se um questionamento sobre os mitos construídos em torno do campo e da cidade, pretendendo-se retirar a idéia de atraso colocada ao campo e de moderno colocada às cidades, valorizando o trabalho e o trabalhador do campo.

Para entender o que ocorria na região centro-sul iniciamos com um texto sobre o Paraná tradicional e a sociedade campeira que exercia o domínio político e econômico na região. Em seguida um texto sobre a “Nova História”, para que o aluno possa entender porque pessoas simples como os faxinalenses da região centro-sul não eram e ainda não são citados nos livros oficiais de História do Paraná. Hoje o Sistema Faxinal tem uma regulamentação própria que no presente material vem acompanhada de uma discussão sobre a manipulação das leis a serviço do capital, já que a desintegração do Sistema Faxinal ancorou-se em uma lei “Lei dos quatro fios de arame”, que impediu a continuidade da criação de gado suíno à solta e que era a principal base econômica dos faxinais juntamente com o cultivo da erva-mate.

Um breve texto sobre a História Oral pretende mostrar a riqueza desse recurso como resgate da memória, onde outras formas de comprovação não existem. Finaliza-se abordando sobre a modernização

da agricultura na região centro-sul do Paraná, com a introdução do plantio da soja, reconfigurando o espaço rural, produzindo áreas de periferias, desapropriando pequenos proprietários e trabalhadores rurais sem terra. Pretende-se que esse material possibilite primeiramente conhecer sobre a história da região centro-sul do Paraná, em especial a organização social do Sistema Faxinal, que se conheça como acontece a construção do conhecimento histórico, perceba-se até que ponto a modernidade contribuiu para o desenvolvimento humano e principalmente mostre possibilidades de construção de um mundo mais justo.

Proposta de Intervenção

Na volta à escola, depois de um ano de afastamento, foi realizada a implementação da proposta de intervenção. Esta proposta previa a continuação da pesquisa sobre a organização social dos faxinais e os efeitos da sua desagregação sobre a sociedade ivaiense e do centro-sul do Paraná. Tendo início com a aplicação da proposta de Material Didático, o qual propõe em seu final a ampliação da pesquisa que levou a sua produção. O título da proposta é “A Produção do Conhecimento Histórico, utilizando Fontes Orais”, e teve como objetivos principais: fazer com que o aluno conhecesse concretamente como se dá a produção do conhecimento histórico utilizando fontes orais, indo pesquisar em seus locais de moradia, objetos históricos que até então não foram revelados, como por exemplo: a história das mulheres, crianças, saúde, transporte, economia, alimentação, religiosidade, convivência social Faxinal, bem como fazer com que o aluno valorize a sua história e o seu lugar de vivência percebendo as inúmeras possibilidades que como sujeitos podemos construir. Para a escola a intenção foi promover o acesso a conhecimentos significativos para o exercício da cidadania enquanto às exigências da qualidade de vida e valorizar o trabalho e o trabalhador do rural em contraponto ao “atraso” colocado ao campo pela sociedade industrial.

O trabalho foi realizado com os alunos das oitavas séries, sendo duas turmas do período da manhã e uma do período da tarde. Foi escolhido trabalhar com as oitavas séries porque é nesta série que está previsto o estudo, pelas DCE, da História do Paraná Moderno. Partiu-se do pressuposto de que o objetivo da história é reconstituir a história real e que o real chega até nós professores por meio de evidências: registros, documentos, manifestações, objetos, obras de arte, oralidade, etc. Isso implica numa busca permanente de superação da mera reprodução dos livros didáticos, partindo-se para uma postura investigativa. (FONSECA, 2003).

O trabalho realizado foi apresentado na escola pela primeira vez, durante a semana pedagógica no início do ano letivo de 2008, para os professores e funcionários. Com os alunos o primeiro passo foi explicar o que havia sido feito com os resultados dos questionários que a turma anterior havia respondido e trabalhar o material didático.

Foi interessante perceber que alguns alunos ao responder o questionário não se deram conta do Sistema Faxinal, ou talvez não deram importância ao que os pais ou avós estavam contando, algumas famílias fizeram menção sem dar nenhuma importância. Sentiu-se que a naturalidade com que vivenciaram o Sistema Faxinal fez-lhes pensar que em todos os lugares se vivia da mesma forma, não atribuindo a esse sistema nenhum valor. Somente depois de duas semanas de trabalhos com o material produzido, é que surgiu o encantamento e a percepção de que aquilo que estava escrito era de fato a História de cada um. Houve uma plena identificação dos alunos com o trabalho, tanto que quando encerramos o assunto, alhás não encerramos, fez-se uma pequena avaliação dos alunos sobre o material onde surgiram depoimentos como:

...“É muito importante, porque as gerações não podem ser esquecidas”.

...“Como eu não conhecia esse sistema Faxinal não sabia explicar nada, não sabia explicar nada, agora já sei...”.

...“Professora, não podemos continuar estudando somente a nossa história...”.

...“Isso é um material muito importante, pois se for lançado um livro sobre isso, será um patrimônio histórico cultural da nossa cidade...”.

..."Considero esse trabalho importante, porque se não daqui mais alguns anos ninguém mais vai saber como era antigamente...".

..."Eu sabia, mas não entendi porque acabou esse sistema...".

..."Eu gostei do material, eu não sabia, após a professora ter contado do sistema Faxinal, aí é que eu fui perguntar para os meus pais se era verdade. E eles falaram que era. Eu adorei saber como eles viviam, com certeza era bem melhor do que hoje...".

Cada aluno fez um breve depoimento, todos positivos em relação ao material pedagógico trabalhado e como está previsto no próprio material, o próximo passo foi dar continuidade as pesquisas sobre os faxinais, agora realizada pelos alunos, que exercitaram a prática dos historiadores utilizando as fontes orais.

Nesta nova etapa do trabalho os alunos foram distribuídos em equipes e por temas ou objetos de estudos que estivessem mais perto de seu alcance de pesquisa devido às dificuldades de distâncias no meio rural. Cada equipe passou a pesquisar em seu local de moradia um objeto que não havia sido revelado no material pedagógico sobre os Faxinais, as mulheres, comportamento, saúde, etc. Utilizou-se a técnica de entrevistas gravadas pelos próprios alunos, podendo-se utilizar fotografias e filmagens. Posteriormente foram feitas as transcrições das entrevistas e debates em sala de aula. O resultado desse trabalho, onde os alunos puderam-se sentir produtores do conhecimento histórico foi divulgado através de um Blog na internet criado especialmente para esse fim (<http://faxinaisivai.blog.com.br>). As informações obtidas com essa pesquisa confirmaram os dados que já se tinha obtido sobre os faxinais e a relação entre o seu término e o início das periferias. Porém muitos dados novos foram revelados sobre a vida cotidiana nessa forma de organização social, como a vida das mulheres, crianças, relacionamentos, casamentos e outras festas, alimentação, medicamentos, etc. São conhecimentos que estariam enterrados e seriam provavelmente esquecidos não fosse um simples trabalho envolvendo os alunos e a comunidade. Todos os textos elaborados pelos alunos, alguns acompanhados de fotografias foram divulgados no blog já citado, e apresentam informações bem interessantes como:

Namoro: Naquele tempo o namoro era diferente, não se beijava e nem pegava na mão igual fazem hoje, era só de longinho. A festa de casamento era na Igreja da cidade depois nós ia embora jantar com os convidados e depois tinha baile no terrero.

A Lei federal: meus avós moram no Jardim Nossa Senhora Aparecida (periferia) há 15 anos. Eles moram em Torres Canavial. Eles nos disseram que o Faxinal era um lugar muito bonito, fazia bailes e caieras. As cercas eram de rachão. Eles criavam porcos, galinhas, vaca, cavalo e as plantações eram de milho, feijão, batata, mandioca, centeio. Os agregados, uns ajudavam os outros e depois faziam um baile. Falou-nos que vieram morar no Jardim porque os faxinais foram vendidos e as criações tiveram que ser fechadas por causa da Lei Federal.

Vida das mulheres: Nosso grupo entrevistou o senhor Germano Guse e a senhora Helena Manfron Guse. Eles nos contaram sobre a vida das mulheres como era difícil, as mulheres tinham que puxar água do poço, lavar roupa no rio, cuidar das crianças, fazer comida para os camaradas. Ia na roça, e fazia o serviço da casa.

Festas: as festas eram tudo preparado em casa, não faziam churrasco. Matava boi, porco, cabrito, galinha, mas tudo era feito no forno. A dança era feita nos salões do paiol, os casados dançavam no salão da própria casa e os solteiros nos paiol. Eles curtiam um xótão, sete passos, e o povo animava as festas.

Higiene: os homens e as mulheres tomavam banho na bica aonde ia água para o monjolo e as crianças na bacia.

Violência: não, não havia violência, a gente podia deixar a casa, as casa não tinham chave, podia deixar a casa aberta que ninguém bolia em nada.

Sobre o manejo da erva-mate: A erva era corada, sapecada, fazia pilha, depois fazia um fecho de erva, levava para secar no carijó, e depois de seca levavam para a moenda e aí ensacavam e vendiam.

Os colchões eram cheios de palha de milho, e os travesseiros de flor de capim. Os acolchoados eram de pena de pato ou ganso, marreco e até galinha. As camas eram feitas de lascas de pinheiro.

Chegada dos migrantes gaúchos na década de 1970: Meu Nono - Guilherme Salvadori - contou que vieram para Ivaí em 31/07/1973. Vieram em busca de terras mais baratas e mais perto das metrópoles. No Rio Grande as terras eram muito caras. Aqui encontraram terrenos férteis e barato. Em Ivaí era tudo diferente, não tinha bocha e nem bolão que eram seus esportes favoritos. Em Ivaí "Calmon" só se plantava feijão e milho consorciado, se trabalhava apenas com cavalos, lá no Rio Grande se trabalhava só com bois. Nós conhecemos os faxinais, mas pouco tempo depois acabou. Lá no RS não existia faxinais, achavam que era totalmente inviável criar animais soltos e as lavouras fechadas. "Pois as plantações não iriam fugir e os animais sim". Com a chegada de famílias gaúchas surgiu à cultura mecanizada e a introdução da soja que não era conhecida na região. Em 1973 onde hoje é o Jardim Nossa Senhora Aparecida, existia apenas uma casa que era do governo. Mas em 1984 o Prefeito Osil Neivert, pediu a posse do terreno para construir casas para os bóias frias que "carpiam as lavouras".

Pode-se observar que a riqueza desse trabalho não está apenas na revelação de uma história que estava sendo esquecida, como também no diálogo que se estabeleceu entre os alunos e seus familiares em torno de um passado que os identifica. Foi emocionante perceber o

reconhecimento de cada aluno na História com sua família inseridos na comunidade e também como construtores do conhecimento histórico.

A última etapa da proposta de implementação foi exposição na escola com o resultado do trabalho realizado. Foram elaborados cartazes e uma maquete representando um antigo Faxinal, a exposição foi aberta à comunidade e despertou interesse principalmente das pessoas mais idosas que visitaram que faziam questão de contar que tinham vivido “aquela época”.

Conclusão

A participação no PDE mostrou as possibilidades de que como professores não devemos ser meros repetidores dos conhecimentos que chegam até a escola principalmente através dos livros didáticos, mas que podemos construir conhecimentos juntamente com nossos alunos através da prática de pesquisas. Não é fácil, isso requer desprendimento de práticas rotineiras e busca de novas atitudes em relação à educação. É preciso perceber, portanto que o ensino só se concretiza se houver reconhecimento de ambas as partes envolvidas. Foi o que pôde perceber-se em relação ao trabalho desenvolvido com os alunos durante o programa. A idéia inicial era que eles pudessem fazer uma leitura da realidade em que estão inseridos, mas no decorrer das atividades nos deparamos com um fenômeno identificador que não eram as periferias e sim uma organização social camponesa comunitária, ou seja, o Sistema Faxinal.

Conhecer e reconhecer os Faxinais como a História construída por seus antepassados possibilitou aos alunos perceberem concretamente que a situação vivida por eles hoje, foi determinada por interesses políticos e econômicos que viam nos Faxinais um atraso em relação à modernidade agrícola sem preocupação com o homem ou com o ambiente natural que foram sendo substituídos por máquinas e grandes propriedades desmatadas reconfigurando o espaço anterior.

Sem dúvida, muito ainda resta para esclarecer sobre os Faxinais, a pesquisa precisa continuar, seja através da história oral, ou agora buscando em outras fontes que foram descobertas durante a proposta de implementação, como os livros de leis municipais, os registros paroquiais e da delegacia. O fato é que em Ivaí e nos municípios vizinhos, especialmente onde havia predominância de erva-mate nativa e mata de araucária ocorreu essa forma de organização comunitária que sobreviveu discretamente até aproximadamente quatro décadas passadas sucumbindo às imposições capitalistas amparadas em respaldos jurídicos.

Um exemplo disso é a “lei dos quatro fios de arame” conforme um último relato de uma entrevista: ... “acabou porque surgiu uma tar de o pessoal comentava, Lei Federal, naquele tempo comentou que daí podia destocar, e não precisava cercá”. Teve início um período de muitas intrigas entre os próprios vizinhos em relação a cercar ou não cercar as propriedades. Outros atraídos pelo dinheiro e pela possibilidade de irem morar na “cidade” vendiam seus pequenos pedaços de terra para os proprietários maiores ou para migrantes que cercavam seus terrenos com quatro fios de arame “... os porco passavam por baixo e daí foi acabando...e o pessoal foi vindo embora de lá...e vieram e não tinham casa, e não tinham nada, começaram a vir numa vila, numa terra do governo aqui em volta da cidade”...

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Jey Marinho de. **Análise Fitossociológica da vegetação do Faxinal do Marmeleiro de Cima no Município de Rebouças – Pr. União da Vitória, 2005. (Monografia). Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória – Pr. (FAFIUVA).**

ALEGRO, Regina Célia. **Considerações acerca da experiência de elaboração e aplicação de manual para coleta e tratamento de relatos orais no ensino básico.** In: CERRI, L.F. (org.). Ponta Grossa: UEPG, 2007.

AMADOS Janaína e Marieta de Moraes Ferreira. (org.). **Usos & abusos da História Oral. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.**

AQUINO, Rubim Santos Leão de et alli. **Sociedade Brasileira**: uma história através dos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Record [s.d].

BAGLI, Priscilla. **Campo e Cidade: a construção dos mitos**. <http://www2.prudente.unesp.br/dgeo/nera/Produ%C3%A7%C3%A3o%20NERA/Campo%20e%20cidade%20a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20dos%20mitos.pdf>

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 10ªed. São Paulo: Contexto, 2005.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion e Hector Pérez Brignoli. **Os Métodos da História**. 4ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CHANG, M.Y. **Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná**. Rio de Janeiro: 1985.201f. Tese (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

CUNHA, L. A. **Desenvolvimento rural e desenvolvimento territorial: o caso do Paraná Tradicional**. Rio de Janeiro, 2003. 210p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Agricultura).Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

DIRETRIZES curriculares de História para o ensino fundamental: SEED, 2006.

EMBRAPA. www.Cnpso.embrapa.br/producaosojaPR/

FERREIRA, Aurélio B.de H. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: IBRASA, 1983.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**: experiência, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

HOBBSBAUWN, Eric. **Era dos extremos**. O breve século XX(1914-1991). 2ª ed.São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Sobre a história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLLEBEN, Índia Mara A. D.de Souza. **Memória e História do Movimento de Mulheres no Paraná: um olhar sobre Medianeira**. Niterói: Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado da Universidade Federal Fluminense, 2003.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 20ªed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

IBGE http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/atlasescolar/mapas_brasil.shtm#

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula**. 4ªed. São Paulo: Contexto, 2005.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

MACEDO. José Rivair. **Brasil uma história em construção**. São Paulo: Editora do Brasil, 1996.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001.

PINSKY, Jaime (org.). **O ensino de história e a criação do fato**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1990.

PRINS, Gwyn. **História oral**. In: BURKE, P.(org). São Paulo: Editora UNESP, 1992.

ROUSSO. Henry. In: **Usos&abusos da história oral**/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Vida material e econômica**. Curitiba: SEED, 2001.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, P.(org.). São Paulo: Editora UNESP, 1992.

STECA, Lucinéia Cunha. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950/Lucinéia Cunha Steca, Mariléia Dias Flores**. Londrina: Ed. UEL, 2002.

TAVARES, Luis Almeida. **As formas de propriedade da terra nos Faxinais do Paraná. III Simpósio Nacional de Geografia Agrária. Presidente Prudente. IBGE/USP, 2005.**

WACHOWICZ, Ruy Cristovam. **História do Paraná**. 6ªed. Curitiba: Editora gráfica Vicentina, 1988.

FONTES ORAIS:

- **Entrevistas gravadas e transcritas.**

Entrevista com o Sr. ALTAIR LOPES – Ivaí Pr.

Entrevista com o Sr. ATÍLIO GALVÃO – Ivaí Pr.

Entrevista com o Sr. ILARIO ZUBACZ – Ivaí Pr.

Entrevista com o Sr. IVO CONRADO – Ivaí Pr.

Entrevista com o Sr. NERI PALHANO – Ivaí Pr.

- **Gráficos e tabelas:** construídos a partir de questionário aplicado pelos alunos da Escola Estadual Gil Stein Ferreira, provenientes do meio rural, a seus familiares.

INDICAÇÃO DE VÍDEO:

“NARRADORES DE JAVÉ”

<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/narradores-de-jave/narradores-de-jave.htm>

ILUSTRAÇÕES: Foram feitas, a partir de depoimentos de ex-moradores dos faxinais, pelo aluno Eric Silvio Streiechen da 8ªsérie da Escola Estadual Gil Stein Ferreira/2007.